

Herbert Caro

Moacyr Scliar

A introductory text on Herbert Caro, his background and his activities in the Brazilian exile.

Keywords: Herbert Caro; intellectual; translator;

A primeira coisa que se pode dizer a respeito de Herbert Caro (1906-1991) é que seu muito antigo sobrenome é daqueles que condicionam destinos. Na Babilónia dos séculos n e m, o termo "Kara" designava alguém que era capaz de ler ("Koré", em hebraico) os livros da Bíblia e explicá-los. Os Kara/Caro se espalharam pelo mundo. Aparecem na intelectualidade espanhola dos fins da Idade Média: são escritores, poetas, políticos. Uma família Caro é mencionada em Toledo no século XIV. O Rabi Joseph ben Efraim Caro (1488-1575), daquela cidade, foi o autor de *Shulchan Aruch*, um códex da lei ortodoxa judaica. Com a emancipação política na Europa nos séculos XVIII e XIX, os Caro já não seguiam o caminho do rabinato. Dedicavam-se também à medicina, às ciências, às artes. Herbert Caro era, portanto, o herdeiro de uma tradição cultural que se expressava em seu próprio sobrenome.

Nascido na Alemanha, Caro viveu em Berlim até que o nazismo se tornou uma realidade ameaçadora. Como outros intelectuais - Stefan Zweig, Otto Maria Carpeaux (este convertido ao cristianismo), Anatol Rosenfeld, Fritz Oliven - emigrou (1933) primeiro para Avignon, na França, depois para Porto Alegre onde viveu junto com a esposa Nina. Aqui, e apesar de todas as dificuldades, tratou de manter sua atividade intelectual. Era para ele uma questão vital, uma questão de sobrevivência espiritual. Caro era formado em Direito, mas não exerceu a profissão. Sua paixão eram os livros e a música, como o sabiam os que com ele conviviam. Meu caso: Herbert e Nina frequentavam a casa de meus sogros, Klaus e Seldi Oliven, e isto era uma oportunidade para longos e animados bate-papos. Sempre que vinha, e isto em geral coincidia com as festividades judaicas, Caro nos trazia presentes: em geral livros ou discos de música clássica, que ele, comentarista do assunto, recebia. Em torno dos livros, aliás, girava sua vida. Durante um largo período ganhou a vida como livreiro na Livraria Americana, que ficava na Rua da Praia. Mas não era um simples vendedor de livros; era uma pessoa que observava seus clientes e que tratava de estabelecer vínculos com eles, funcionando como uma espécie de consultor. Sobre esta experiência escreveu, para o Correio do Povo de Porto Alegre, várias crônicas, reunidas no volume *Balcão de Livraria*, título de sua coluna. Co-fundador e administrador por longos anos da biblioteca do Instituto Goethe, Caro na verdade funcionava como um verdadeiro promotor cultural: sobre Franz Kafka, por exemplo, deu várias conferências numa época em que o autor tcheco era praticamente desconhecido no Brasil.

Por último, mas não menos importante, Herbert Caro era um tradutor de méritos reconhecidos. Graças a ele o público brasileiro pôde ter acesso à obra de Thomas Mann: *Os Buddenbrooks*, que lhe deu o Prêmio Jabuti 2001 *Doutor Fausto*, A

Escritor e médico; e-mail: scliar@zerohora.com.br

Montanha Mágica, As Cabeças Trocadas. Do Nobel Elias Canetti traduziu *Auto-de-fé e O outro processo: as cartas de Kafka a Felice*. De Hermann Broch, *A Morte de Virgílio*, de Hermann Hesse, *O Lobo da Estepe e Sidarta*; de Johann Joachim Winckelmann (e com Leonardo Tochtrop), *Reflexões sobre a Arte Antiga*, de John Steinbeck e com Ernesto Vinhaes, *As vinhas da ira*.

A esposa Nina partilhava com ele o entusiasmo pelos livros e escreveu várias obras de literatura infantil, entre elas *Aprende brincando, criança* (notem que as primeiras letras do título formam um ABC: como Herbert, Nina gostava desses jogos e brincadeiras). Não tinham filhos, mas eram pessoas muito sociáveis. Conviviam com a intelectualidade de Porto Alegre, Êrico Veríssimo em particular. Herbert foi um dos fundadores, em 1936, da Sociedade Israelita Brasileira de Beneficência, SIBRA. Entusiasmado pelo futebol, torcia pelo Inter de Porto Alegre. Uma prova de sua adaptação ao país para quem deu uma grande contribuição cultural e humana.